

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**PSICOLOGIA**

**VERA METZNER**

**“HOJE É DIA DOS BICHINHOS?”- INTERVENÇÕES ASSISTIDAS  
POR ANIMAIS E IDOSOS**

**São Paulo**

**2019**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE**  
**PSICOLOGIA**

**VERA METZNER**

**“HOJE É DIA DOS BICHINHOS?”- INTERVENÇÕES**  
**ASSISTIDAS POR ANIMAIS E IDOSOS**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para graduação no curso de Psicologia, sob  
orientação do Prof. Dr. Mauro Lantzman

**São Paulo**

**2019**

## Agradecimentos

Sem dúvida essa foi uma das partes mais difíceis de serem escritas nesse trabalho. As poucas pessoas que foram citadas são tão importantes na minha vida que muitas vezes fica difícil colocar em palavras uma maneira de agradecê-las.

Agradeço ao meu pai, por toda a paciência de me acompanhar durante o desenvolvimento desse trabalho, por me ajudar até de madrugada, por estar sempre disposto a ler de novo e me dar mais ideias, por todas as notícias que encontrava e me mandava sobre o tema, por ter conseguido a digitalização do Mestrado e Doutorado da Dra. Hannelore Fuchs.

Agradeço à minha mãe, por sempre me apoiar, dar conselhos e me ouvir, a vida é mais divertida com você! Agradeço ao meu irmão, por todos os jantares de desabafos sobre o último ano de faculdade.

Agradeço à minha querida Tante Lore. Sem você este trabalho, literalmente, não seria possível. Espero que, onde quer que você esteja, saiba que tudo o que você fez e criou não será esquecido.

Agradeço aos meus amigos puquianos, Tomás, Melissa, Victoria e Letícia, por todos os anos que passamos juntos na PUC. A faculdade vai acabar, mas a amizade não. Agradeço à Natália e Júlio, amigos especiais que estarão para sempre no meu coração.

Por mais estranho que isso possa soar, agradeço a todos os meus bichos: Pipo, Leca, Tica, Canjica e Paçoca. Não posso fazer um trabalho sobre a importância dos animais e não falar sobre eles! Minhas companhias nas horas boas e ruins, que sabem confortar só com o olhar. Sem eles, a minha paixão pelos animais não cresceria a cada dia.

Agradeço ao vovô Peter e à vovó Berta, por estarem sempre ao meu lado, mesmo que não fisicamente. E por fim, agradeço a minha amada vovó Ana, por despertar em mim o amor que tenho por idosos.

*“Há beleza na vida, há beleza em tudo. Vocês veem?... Há beleza na alegria, e mesmo na saudade, na tristeza, no sofrimento e até na partida, há beleza. A vida é uma beleza.”*

*Nise da Silveira*

Título: “Hoje é dia dos bichinhos?”- Intervenções Assistidas por Animais e idosos

Autora: Vera Metzner

Orientador: Mauro Lantzman

Área de conhecimento: 7.07.10.01-5-Intervenção Terapêutica

## **RESUMO**

O presente trabalho teve como objetivo identificar as principais pesquisas práticas realizadas na área das Atividades, Terapias e Intervenções Assistidas por Animais, particularmente sobre as Intervenções voltadas para o trabalho com idosos. Procurou apresentar os principais conceitos ligados a este modelo de intervenção, quais os benefícios gerais e em especial quais efeitos psicológicos geram nos idosos, a partir de um levantamento bibliográfico. Primeiramente, foi apresentada uma contextualização da velhice e suas transformações ao longo dos séculos, diante das mudanças de expectativa de vida, avanços da medicina e relação da sociedade com o fenômeno do envelhecimento e com as pessoas idosas. Em seguida, realizou-se uma descrição da relação ser-humano animal, suas mudanças e atividades desenvolvidas a partir dela, influências no meio das Intervenções Assistidas por Animais e os avanços das leis, ONG's e projetos que existem atualmente. Por fim, foram apresentados estudos, artigos e pesquisas publicados que analisam a relação das Intervenções Assistidas por Animais e seu papel na vida de idosos que são beneficiados por essa prática. Conclui-se que as Intervenções Assistidas são uma prática que gera uma melhora no humor e saúde dos idosos, mas que existem poucos estudos no Brasil a cerca desse tema.

Palavras-chave: Intervenções; animais; idosos; recursos-terapêutico

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	5
MÉTODO.....	8
HUMANOS E ANIMAIS .....	10
INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS .....	16
ASPECTOS LEGAIS .....	19
IDOSOS.....	21
IDOSOS E ANIMAIS .....	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	33
REFERÊNCIAS .....	36

## INTRODUÇÃO

Meu contato com Intervenções Assistidas com Animais começou aproximadamente 14 anos antes de pensar sobre escrever “Hoje é dia dos bichinhos?”- Intervenções Assistidas por Animais e idosos” (TCC) a respeito desse assunto. Dos 8 aos 13 anos fui voluntária da ONG Pet Smile, criada por uma das precursoras da Terapia Assistida por Animais no Brasil, minha querida tia avó, a Dra. Hannelore Fuchs.

Durante esses 5 anos, participei das visitas mensais realizadas ao Residencial Israelita Albert Einstein, uma instituição de longa permanência para idosos. Tive a oportunidade de, mesmo muito nova, perceber como os residentes pareciam se transformar na presença dos animais nos dias de visita. Minha bisavó morava no Residencial e por conta disso eu tinha contato com esses idosos em outros momentos que não os desse encontro. Algo mudava, mas na época não sabia nomear essa mudança.

Lembro-me do sorriso que a grande maioria dos idosos e idosas abriam ao acariciar um animal, e o como muitas vezes eles ficavam por vários minutos passando a mão nos pelos e sorrindo para mim, sem falar nada. Lembro-me de uma senhora, sobrevivente de Auschwitz, que toda visita mostrava sua tatuagem do campo de concentração e perguntava se podia contar sua história como sobrevivente de guerra. Lembro-me de cuidadoras que se emocionavam ao ver residentes que praticamente não mexiam os membros inferiores, usando os pés para fazer carinho nos cachorros. Lembro-me de ouvir várias pessoas comentando que aquele era o melhor dia do mês e perguntando se podíamos tentar fazer as visitas toda semana. Lembro-me de pessoas que ficavam com os olhos marejados ao fazer carinho em um animal (e começavam a lacrimejar). Lembro-me de vários residentes que chegavam ao encontro reclamando de dores insuportáveis e quando saíam a dor havia ficado suportável ou até mesmo sumido.

Nove anos depois, já com 22 anos, tive a oportunidade de visitar o Hospital Darcy Vargas como voluntária da ONG Patas Therapeutas, de acompanhar muitas crianças e seus responsáveis ao entrarem em contato com os animais da ONG, imediatamente se lembravam de seus bichos de estimação que estavam em casa e comentavam como estavam com saudades deles.

Um aspecto importante que levou o estudo a ser restringido e voltado para a população idosa, além do meu carinho por esta faixa e o desejo de que essa população receba novas propostas de como melhor disfrutar esta fase da vida, é a inversão nas pirâmides etárias.

Inversão esta de que, em breve, a maioria da sociedade será composta pela terceira idade e, diante dessa perspectiva, a constatação de que há despreparo na maioria dos países para lidar com as necessidades desse grupo, tanto no aspecto financeiro de investimento quanto no desenvolvimento de atividades voltadas para a terceira idade.

Sendo assim, o presente estudo surge de um desejo de contribuir para a ampliação do uso de animais como recurso de promoção de saúde, qualidade de vida e bem-estar para a população idosa.

Essas e muitas outras experiências ao longo desses 5 anos despertaram um interesse pela transformação que os animais podem gerar em pessoas que vivem em estabelecimentos onde a solidão, sensação de abandono e envelhecimento estão extremamente presentes. A mudança de fisionomia, o aumento no número de sorrisos, as mesmas histórias contadas repetidas vezes já que são poucas pessoas dispostas a ouvir. Afinal, se um animal promove tantas mudanças positivas somente com uma visita de uma hora por mês, o quão benéfico poderia ser investir em Intervenções Assistidas por Animais como uma proposta de recurso terapêutico alternativo para promover uma melhor qualidade de vida?

A escolha desse público alvo surge a partir das minhas vivências como voluntária em asilos e o carinho que criei por essa faixa populacional a partir dessas experiências. Vejo os idosos como pessoas que carregam um rolo de filme de uma vida nas costas, esperando para ser rodado. Um filme extremamente tocante, particular e profundo. Uma vez uma senhora me disse que ao se mudar para um asilo e refletir sobre toda a sua vida até aquele momento, a única coisa que ela podia dizer é que “a vida dá voltas”. As experiências que cada pessoa viveu, seus altos e baixos, suas reviravoltas, descobertas, perdas e mudanças são páginas de histórias que nunca virarão livros e que se não nos permitimos escutar e absorver, nem mesmo histórias irão se tornar. Ao longo dos meus anos como voluntária, pude perceber que o animal se torna um intermediário e facilitador nessa troca de vivências, uma vez que vi muitos idosos começarem a contar de suas vidas no momento em que tinham um bichinho no colo e um voluntário do lado disposto a escutá-los.

O impacto do trabalho como voluntária da ONG PetSmile me proporcionou inúmeras reflexões sobre o impacto que as visitas causavam em toda a dinâmica do asilo e acabou por despertar em mim um dos grandes motivos para cursar a faculdade de psicologia, para aprofundar e desenvolver o uso de animais como um recurso terapêutico.

Ao longo de minha graduação, pouco foi falado sobre as Intervenções Assistidas por Animais (IAA's) e seus efeitos. O número de estudos voltados para a compreensão dos efeitos e benefícios da interação humano-animal tem aumentado consideravelmente nas últimas décadas, como veremos mais adiante nesse trabalho, mas, mesmo assim, esta continua sendo uma área pouco investigada.

O objetivo geral deste trabalho é o de identificar os principais trabalhos realizados na área das Atividades e Terapias Assistidas por Animais voltada para o idoso. Mais especialmente procura apresentar os principais conceitos ligados a este modelo de intervenção, quais os benefícios gerais e em especial quais efeitos psicológicos geram nos idosos. Busca identificar os principais referenciais teóricos e experimentais e assim dar subsídio a futuras investigações na área.

Os objetivos específicos são: proporcionar um aprendizado sobre a área de Intervenções Assistidas por Animais a partir de um levantamento de estudos publicados que abordam o tema e sua relação com idosos. Relatar quais erros, resultados e problemas essa prática apresenta, e assim aprofundar e oferecer subsídios para futuras pesquisas sobre a literatura e trabalhos realizados sobre o tema, podendo favorecer a divulgação das Intervenções Assistidas por animais como uma possibilidade de instrumento terapêutico para populações de pessoas idosas.

## MÉTODO

A metodologia deste trabalho é exploratória e teórica. Procura caracterizar, definir e estruturar as pesquisas realizadas na área das Intervenções Assistidas por animais e em especial aquelas voltadas para a aplicação desta intervenção em idosos. Consiste em revisão bibliográfica a partir de publicações científicas disponibilizadas por bases de dados como o Capes, Scielo, biblioteca da faculdade de Psicologia da USP, da PUC e por bases referenciais que a maioria dos estudos se refere, não só no Brasil, mas no mundo sobre a relação e os efeitos das Intervenções Assistidas por Animais em idosos. Procura reunir o conhecimento científico acumulado sobre este tema, para que assim possa oferecer subsídios para trabalhos futuros sobre o mesmo.

O material analisado contempla Trabalhos de Conclusão de Curso, Mestrados, Doutorados e publicações em revistas científicas tanto de psicologia quanto de veterinária. Os livros usados foram escritos por profissionais que atuam/atuaram na área de Intervenções Assistidas por Animais, como Nise da Silveira e Marty Becker. Além disso, foram usadas reportagens recentes do jornal O Estado de São Paulo. O conteúdo das pesquisas abarca principalmente o período de 2000 a 2018, além de algumas pesquisas pioneiras que foram realizadas entre 1980 e 1990.

A partir desses materiais foram definidos e categorizados os seguintes temas de análise: Humanos e animais, capítulo no qual será tratado como a relação entre humanos e animais se modificou ao longo dos séculos, como os animais passaram a serem usados como um recurso tanto para pacientes institucionalizados quanto no espaço terapêutico e o como se deu o início dessa prática no Brasil, além de outros papéis que o animal pode desempenhar na relação com humanos. “Intervenções Assistidas por Animais” é o capítulo seguinte, que consiste em apresentar as definições oficiais do que são as Intervenções Assistidas por Animais, quais os tipos que existem e as particularidades de cada uma dessas práticas, além de apresentar as diferentes ONG’s e projetos que existem no Brasil e que utilizam os animais como um recurso terapêutico/educativo. Seguido pelo capítulo de “Aspectos Legais”, iremos apresentar mudanças na legislação brasileira, ao longo da última década, sobre a entrada de animais em hospitais e instituições de saúde.

Por fim, dois capítulos serão dedicados especificamente aos idosos: o capítulo “Idosos” busca trazer uma contextualização da velhice na atualidade, quais as mudanças, preocupações e

expectativas para a população idosa mundial ao longo dos próximos anos e as diferentes definições do que representa a velhice hoje em dia. O capítulo “Idosos e Animais” conecta todos os capítulos anteriores e apresenta a análise do objetivo central deste trabalho, relatando estudos e pesquisas desenvolvidos na área de Intervenções Assistidas por Animais voltada especificamente a idosos, tanto institucionalizados (grande maioria dos trabalhos relatados) quanto idosos que não moram em instituições de longa permanência.

## HUMANOS E ANIMAIS

A relação entre os seres humanos e animais é muito antiga. Os animais foram domesticados de acordo com as diferentes demandas humanas de cada época, e em especial no caso específico dos cães, auxiliares no pastoreio, na caça e na guarda e companhia. No caso específico dos animais de companhia, pesquisas indicam evidência cultural mais antiga da presença canina na sociedade se encontra em Israel, em um túmulo de aproximadamente 12.000 anos no qual uma mulher foi encontrada enterrada com um filhote de cachorro na mão. Este fato ilustra que há milhares de anos os animais já apresentavam uma importância para os seres humanos que ia além dos papéis de proteção e alimento, marcada pelo afeto e relação com seus donos. (HARARI, 2015)

Na sociedade contemporânea, a relação entre os humanos e (os ditos) “animais de estimação” transcende e muito os itens restritos a companhia e afeto. A utilização de animais treinados pode ter um papel decisivo em questões relacionadas à sobrevivência humana. Situações nas quais o alerta sobre crises iminentes epiléticas, hiperglicêmicas, cardíacas, apnéicas podem desencadear, por parte dos animais, ações que podem, por exemplo, desde despertar o humano que está sendo assistido até funções bastantes mais complexas, como o acionamento de um alarme remoto que por sua vez desencadeará todo um sistema de auxílio e resgate. (BBC, 2017)

Ainda dentro do tema relacionado à sobrevivência humana, ações que envolvem a utilização de cães para resgate em situações relacionadas a catástrofes naturais, desmoronamentos e incêndios são frequentes e, pelo olfato aguçado do animal, muitas vezes são mais eficientes do que as buscas sem a participação dele. (DOTTI, 2005)

Outro papel importante que os cães desempenham é a função de cão-guia para cegos. No Brasil, existem poucas instituições que oferecem o treinamento necessário para capacitar o animal e, por conta disso, o acesso a um cão-guia ainda é difícil e demorado para grande parte das pessoas. (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2018)

Segundo o IBGE, o Brasil possui mais de 6,5 milhões de pessoas com deficiência visual, alto número de cidadãos que encontram diariamente inúmeras dificuldades para se locomover pelo país. Em entrevista ao jornal o Estado de São Paulo, André Baumgarten, 52, que após um deslocamento de retina durante um assalto aos 17 anos recebeu o diagnóstico de degeneração míope progressiva da retina e degeneração macular, conta que o ato de guiar é somente uma

parte do trabalho que sua cadela Faith realiza, pois outro ponto muito importante é o companheirismo: “No começo ela puxava demais, e eu a chamava de tratorzinho. E olha que eu gosto de andar rápido! Até que achamos nossa velocidade. Você vai criando vínculo, e isso não acontece no primeiro mês.” Para ele, a convivência traz cada vez mais liberdade para a locomoção: “Quando vê pega a bengala, conquista independência. Mas quando pega o cachorro, você voa!” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2018)

A história de André mostra como a presença de um animal é relevante na vida de uma pessoa. Além de seu objetivo primordial de ajudar o cego a se locomover, o cachorro acaba por se tornar um símbolo de companheirismo e cria laços com seu dono, laços que levam a uma relação de confiança e vínculo entre animal e humano. Sendo assim, o vínculo criado entre ambos é algo que pode ser usado como instrumento para a promoção de saúde e bem estar das pessoas, através de diversas maneiras, dentre elas o meio terapêutico.

O primeiro registro do uso de animais como um meio terapêutico dentro de uma instituição é de 1792 em York, quando William Tuke criou a York Retreat, uma instituição psiquiátrica que além de realizar jardinagem e exercícios, usava animais de fazenda, como vacas e porcos, para estimular os pacientes a se movimentar e se comunicar, ao cuidarem dos bichos. Os pacientes se sentiam dispostos a cuidar dos animais e acabavam por realizar outras atividades e interagir entre si. (BECK, 2000)

Os avanços científicos se dão por vezes de forma não programada e até acidental. Desta forma já houve casos em que medicamentos foram descobertos como a penicilina. Com a TAA, não foi muito diferente, pois começou com casos isolados de animais participando do contexto terapêutico. Um exemplo disso é o de Boris Levinson, um dos precursores das Terapias Assistidas por Animais. Em 1962, Levinson começou a descrever o uso de animais para a psicologia e os benefícios obtidos no tratamento com cães, estudo que começou ao acaso. Levinson levou seu cachorro labrador para o consultório no mesmo dia no qual atenderia uma criança com autismo. A criança começou a interagir com o cachorro e se expressar com o mesmo, situação de interação que Levinson tentava criar no espaço terapêutico há várias sessões, sem sucesso. A partir desse evento, Levinson começou a levar seu labrador para outras consultas, principalmente com pacientes autistas e a registrar os efeitos que o animal gerava nos pacientes. (CORRÊA, 2010)

Não foi só Levinson que percebeu os benefícios que a presença de um cão trazia para o espaço terapêutico. Antes dele, Sigmund Freud já atendia os pacientes com sua cadela Jofie, da raça chow chow, que não só acalmava os pacientes como avisava quando a sessão chegava ao fim. Segundo Nise da Silveira (1994) Jung também atendia com um cão no consultório. (LEAL, 1994)

No Brasil, o primeiro trabalho registrado sobre o uso de animais como recurso terapêutico é da década de 1950, realizado pela da psiquiatra Nise da Silveira, no Centro Psiquiátrico Nacional Pedro II, no Rio de Janeiro. Nise utilizava o termo “afeto catalisador”, definido como uma relação positiva com co-terapeutas que permitia que o paciente confiasse em alguém e assim pudesse ampliar sua rede de relacionamentos tanto de pessoas quanto do ambiente. Esses co-terapeutas não necessariamente eram humanos, e foi a partir dessa constatação que Nise começou a perceber e analisar os efeitos que os animais tinham nos pacientes da instituição. (SILVEIRA, 1981)

O trabalho de Nise sobre o uso de animais como uma possibilidade de tratamento teve início após ela perceber a melhora de um paciente a quem designara o cuidado de uma cadela que vivia no hospital.

A história do animal como co-terapeuta no nosso serviço começou assim: foi encontrada no terreno do hospital uma cadelinha abandonada, faminta. Tomei-a nas mãos, demorei meus olhos nos olhos de um interno que se aproximava e perguntei: Você aceita tomar conta dessa cadelinha, com muito cuidado? Ele respondeu que sim. Sugeri o nome de Caralâmpia, que apareceu como meu apelido nas Memórias do Cárcere de Graciliano Ramos. (...) Os resultados da relação afetiva entre Caralâmpia e o internado Sr. Alfredo foram excelentes. (SILVEIRA, 1992, p. 80)

A cachorra se tornou um ponto de referência afetiva estável na vida do paciente e a partir disso Nise estimulou os pacientes a interagirem com os animais. Nise começou a introduzir animais no hospital e deixou que os pacientes escolhessem seus nomes e cuidassem deles. Não faltam relatos em seu livro *Imagens do Inconsciente* (SILVEIRA, 1981) sobre o efeito que esses animais tiveram sobre os pacientes, não só com a criação de um elo de amizade único e precioso, como também de um meio de expressão e comunicação das angústias e projeções inconscientes para o mundo, pois o animal se tornou um ponto de referência no mundo externo que auxiliava na retomada do contato com a realidade. Em seu livro, ela faz a seguinte colocação:

Parece-me merecer observação atenta a maneira como se processa o relacionamento do homem (doente ou não) com o animal. Esse relacionamento reflete a problemática entre o homem que se esforça para firmar-se na condição humana, e o animal

existente nele próprio. Relacionamento difícil, de luta, sacrifício, confronto, amizade, desenvolvido ordinariamente numa trama complexa de projeções e identificações. (SILVEIRA, 1981, p.87)

Em uma das cartas trocadas entre Silveira e Levinson, ele [Levinson] diz que “sem dúvida, para muitos desses doentes, os animais eram sua única linha de vida para a saúde mental”. Levinson se refere ao evento no qual praticamente todos os co-terapeutas do Centro Psiquiátrico foram envenenados, evento que abalou profundamente Nise e os pacientes. (SILVEIRA, 1998)

Outra precursora importante do uso de animais com intuito terapêutico no Brasil, foi a Dra. Hannelore Fuchs. Fuchs foi veterinária e psicóloga, fundou a Abrazoo (Associação Brasileira de Zooterapia) e o Projeto PetSmile. A ideia do projeto surgiu enquanto Fuchs desenvolvia nos Estados Unidos sua tese sobre a relação do animal de estimação e seu dono. A técnica da Terapia Assistida por Animais já era difundida em outros países, mas pouco conhecida no Brasil. Em entrevista ao Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo (COREN-SP), em 2004, Fuchs relatou que percebeu “que o bicho ouve, conforta, tudo isso através do diálogo que se estabelece pelo toque. (COREN-SP, 2004)

Segundo o site do PetSmile (2004), o Projeto é:

[...] um programa assistencial e educativo, de cunho beneficente e auto-sustentado, que efetua visitas com animais a populações especiais: crianças e adultos em hospitais, crianças portadoras de necessidades especiais em escolas, crianças em creches, idosos.

O projeto realizava visitas mensais ao Recanto Monte Alegre, uma unidade da Liga das Senhoras Católicas desenvolvido para idosos. Segundo a diretora do Recanto à época, com a iniciativa foi possível “trazer motivação, calor humano e melhorar a qualidade de vida dos hóspedes.” Ela acrescentou que “por meio do animal o voluntário abre uma ponte para que o idoso interaja com o mundo.” Uma das enfermeiras relatou que as visitas tiveram um efeito positivo nos idosos, que passaram a comer e dormir melhor, além de se comunicarem com mais facilidade. (COREN-SP, 2004)

O PetSmile foi encerrado no ano de 2010. Mesmo assim, até hoje continua sendo uma referência para a criação de novas ONGs e para a realização de estudos sobre os benefícios da interação humano-animal, segundo o levantamento bibliográfico realizado pela maioria das pesquisas usadas como referências no presente estudo.

Em seu doutorado, Fuchs (1987) levantou algumas modalidades benéficas da interação humano-animal a partir de entrevistas que realizou sobre o tema. Algumas dessas modalidades são: o animal é uma fonte interrupta de afeto e por conta disso permite que os humanos descarreguem seus próprios afetos ao interagir com eles. O animal é um “facilitador” social, que naturalmente se torna um intermediário das relações humanas e facilita a interação nas mesmas. O animal diminui o isolamento do idoso, pois permite que ele demonstre qualidades afetivas. O animal simboliza a vida para os doentes. Essas e muitas outras das modalidades apresentadas em seu trabalho mostram o quanto os animais tem um papel fundamental em nossa sociedade e principalmente o quanto o relacionamento e contato com eles gera impacto nos seres humanos.

Em 2002, um estudo realizado pela *The German Socio-Economic Panel Survey* (GSOEP) e a *International Social Science Survey Australia* (ISSS-A) buscou comprovar os efeitos benéficos na saúde humana por se ter um animal de estimação. Essa pesquisa foi feita em função da falta de exatidão de outros estudos realizados, porque os estudos eram transversais e, portanto, não podiam estabelecer direção causal, ou porque eram intervenções de pequena escala em que grupos específicos. A proposta de pesquisa envolvia correlacionar a frequência de idas ao hospital/médicos de pessoas que possuíam/possuíram animais de estimação e de pessoas que não possuíam nos últimos três meses. (HEADEY E GRABKA 2003)

A análise dos dados mostrou que o grupo mais saudável (tanto na Alemanha quanto na Austrália), ou seja, o grupo que fez menos idas ao médico, era o grupo que tinha um bicho de estimação há no mínimo 5 anos. Porém, o grupo que tinha animais há menos de 5 anos não teve uma variação significativa em comparação ao grupo controle. Por fim, os donos de animais (independentemente de há quanto tempo) vão aproximadamente 10% menos ao médico do que as pessoas que não possuem animais. A conclusão do estudo foi que ter um animal de estimação afeta positivamente a saúde do dono, mas que esses efeitos não são necessariamente imediatos e demoram um pouco para produzirem resultado. (HEADEY E GRABKA, 2003)

Uma última questão apresentada na pesquisa é a proposta de que os animais de estimação podem trazer benefícios diferentes para diferentes grupos populacionais. Idosos e pessoas tímidas e solitárias podem se beneficiar do companheirismo. Pessoas estressadas relaxam e sua pressão sanguínea diminui. Pessoas sedentárias podem passar a realizar exercícios na presença

de um cachorro. Logo, várias faixas etárias e grupos populacionais podem se beneficiar com a presença de um animal de estimação. (HEADEY E GRABKA, 2003)

Um estudo feito em 2012 por Andrea Beetz, Kerstin Uvnäs-Moberg, Henri Julius e Kurt Kotrschal revisou e reuniu 69 trabalhos publicados sobre HAI (*Human-Animal-Interaction*) aplicados em diferentes idades, público-alvo e situações. Os pesquisadores criaram uma tabela com todas as pesquisas, dividida em: hipótese do estudo, população, idade da população, número de sujeitos e os efeitos significantes da interação. Alguns dos efeitos que se repetem em vários dos estudos analisados (mesmo que realizados com públicos alvos distintos) e que se encontram na tabela citada são: diminuição da pressão sanguínea, diminuição do cortisol, diminuição da frequência cardíaca, diminuição da taxa de ansiedade, redução da solidão, aumento do nível de conversação, diminuição da depressão, aumento dos sorrisos e aumento da interação social. (BEETZ, 2012)

## **INTERVENÇÕES ASSISTIDAS POR ANIMAIS**

A Pet Partners (anteriormente conhecida como Delta Society), é a entidade dos EUA que propõe a padronização dos programas com uso de animais. Em 1996, essa entidade definiu quatro tipos de intervenções: Intervenção Assistida por Animais (IAA), Atividade Assistida por Animais (AAA), Terapia Assistida por Animais (TAA) e Educação Assistida por animais (EAA). (PET PARTNERS, 1983)

A IAA é entendida como uma intervenção que incorpora animais na saúde, educação e serviços com o propósito de ganhos terapêuticos e promoção de saúde. A TAA, EAA e AAA são formas de IAA. (PET PARTNERS, 1983)

A TAA é uma intervenção com objetivos definidos, na qual o encontro do humano com o animal é parte integral do processo de tratamento, tanto grupal como individual. Ela é dirigida/realizada por um profissional da saúde e de várias áreas como: psicólogos, terapeutas ocupacionais, fisioterapeutas, enfermeiros, assistentes sociais, profissionais da área de saúde mental, entre outros. O processo terapêutico deve ser planejado, estruturado e documentado. (PET PARTNERS, 1983)

A AAA promove oportunidades de benefícios motivacionais, educacionais e/ou recreativos para melhorar a qualidade de vida. É mais informal do que as outras intervenções e podem ser praticadas por um profissional treinado e/ou voluntários, em parceria com um animal que seja adequado para a prática. (PET PARTNERS, 1983)

A EAA, assim como a TAA, é uma intervenção planejada com objetivos definidos, e voltada para algum aspecto educacional. Seu foco engloba atividades com funções acadêmicas, e o estímulo de habilidades sociais e funções cognitivas. O progresso dos estudantes deve ser documentado e mensurado. (PET PARTNERS, 1983)

Um exemplo de Educação Assistida por Animais é o da escola Hylands School, na cidade de Chelmsford (Inglaterra), que introduziu o cachorro Flossie às aulas de leitura, depois que pesquisas revelaram que devido ao fato animais não apontarem erros como os adultos, as crianças se sentem mais confortáveis lendo para eles. Segundo professores, o desempenho dos alunos já teve uma melhora significativa desde o início do projeto. (SAKITA, 2014)

Um estudo realizado por Santos e Silva (2016) mapeou a partir de sites eletrônicos, canais de televisão, revistas e jornais impressos os projetos de TAA criados em São Paulo (alguns já foram encerrados, como o PetSmile) e foram encontrados 29 projetos:

Amicão; Amigos da Hipo; Amigos da Malu; Atividade, Terapia e Educação Assistida por Animais de Campinas (ATEAC); Caminhar; Cão Afeto; Cão Carinho; Cão Cidadão; Cão Idoso; Cão Terapeuta; Centro de Hipoterapia e Equitação Terapêutica (CHET); Centro de Reabilitação e Equoterapia Santo André (CRESA); Doutor Escargot; Equoterapia do Jockey Club; Equoterapia Itapetininga, Equoterapia Mirassol; Equoterapia Mirassolândia; Fundação Selma; Grupo de Trabalho Integrado (GATI); Instituto Brasileiro de Educação e Terapia Assistida por Animais (IBETAA); Instituto Nacional de Ações e Terapia Assistida por Animais (INATAA); Instituto Passo a Passo Equoterapia (IPPE); Medição; Novo Guia; Patas Therapeutas; Pet Terapia; PetSmile, Projeto Social e Wendy (SANTOS E SILVA, 2016, p.3)

Os animais mais usados nos projetos são os cachorros e os cavalos, porém alguns também utilizam gatos (como a ONG Patas Therapeutas) e coelhos, tartarugas, chinchilas e porquinhos da índia, usados pelo projeto Pet Smile.

Além desses animais, o projeto Doutor Escargot utiliza o molusco como co-terapeuta. Ele participa da iniciativa “Educando através dos animais: o papel da zooterapia no cotidiano de escolares”, programa desenvolvido pelo Laboratório de Ensino e Pesquisa em Extensão em Zooterapia do Bem-Estar Animal e Helicicultura, da Faculdade de Medicina Veterinária (FMVZ) da USP, campus de Pirassununga, que promove a utilização de co-terapeutas para ajudar jovens de 6 a 16 anos com dificuldades de aprendizado. O molusco foi usado não só pela facilidade de transporte, mas também pela possibilidade de se gerar uma discussão sobre preconceito e respeito às diferenças em função da imagem negativa que esse animal tem em algumas culturas. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 2015)

A ONG Patas Therapeutas surgiu em 2012 e foi fundada pela psicóloga Silvana Fideli. A ONG tem reconhecimento internacional e em 2017 Fideli participou de um congresso no Peru sobre TAA representando o Brasil. O projeto se baseia na ideia das Intervenções Assistidas por Animais como uma forma paliativa de cuidado que promove bem estar e momentos de descontração e relaxamento através do contato com os animais. A ONG conta atualmente com as seguintes instituições parceiras (tanto públicas como privadas): Associação Marly Cury, Sociedade Brasileira Alemã (SBA), Cidade dos Velhinhos, Hospital Santa Casa de Misericórdia, AFAI/Centro Dia de Idosos, Hospital Infantil Menino Jesus, Instituto Central do Hospital das Clínicas, Hospital Infantil Darcy Vargas, Hospital Sírio Libanês, Instituto do Câncer/ICESP, Residencial Israelita Albert Einstein, Polícia Militar/COPOM, Hospital São

Luís e a Companhia Engenharia de Tráfico (CET). Segundo Fideli, as Intervenções Assistidas por Animais vêm sendo cada vez mais requisitadas nas instituições de longa permanência para idosos. \*

---

\*Mensagem de áudio fornecida por Silvana Fideli

## ASPECTOS LEGAIS

Uma grande conquista para quem valoriza o contato com animais e seus efeitos positivos e melhorias na qualidade de saúde das pessoas, foi a promulgação da lei Nº16.827, em fevereiro de 2018. A lei “dispõe sobre a liberação de entrada de animais de estimação em hospitais públicos para visitas a pacientes internados, e dá outras providências” (SÃO PAULO, 2018). O Brasil é o 4º país do mundo com mais animais de estimação (IBGE, 2013) e essa posição reflete o como os animais ocupam um papel importante nas casas de grande parte da população.

Por regular e legitimar a presença dos animais como conveniente para a pessoa hospitalizada, a promulgação dessa lei é uma conquista para essa prática e para os apoiadores que entendem a relação humano-animal como importante, especial e benéfica no processo de recuperação das pessoas hospitalizadas.

Antes da lei ser promulgada, pouquíssimos hospitais obtinham liberação para que os pacientes recebessem seus animais de estimação. Um desses hospitais era o Hospital Israelita Albert Einstein em São Paulo, no qual essa possibilidade surgiu após uma demanda dos próprios pacientes para receberem seus animais. O hospital passou por três anos de testes e treinamentos para que isso fosse possível e conseguiu receber a certificação Planetree (organização americana que reconhece o atendimento de saúde humanizado), em 2014. Segundo gerente de atendimento do hospital, Rita Grotto, desde que o sistema foi implantado, foi perceptível que “aqueles que recebem os animais apresentam uma melhora significativa no quadro, e muitos, inclusive, recebem alta mais rápido”. (SORDI, 2014)

Segundo Pereira (2007), no Brasil, uma questão que ainda é um empecilho para a liberação do uso de animais em hospitais, é a crença de que os animais estão contaminados e sujos e assim prejudicarão a saúde de quem estão visitando e comprometer a recuperação. Porém, existem protocolos de cuidado extremamente rígidos a serem seguidos, como exames de rotina, avaliações veterinárias e limpeza. No site da ONG Patas Therapeutas, por exemplo, são apresentados os pré-requisitos e o protocolo para que um animal possa ser terapeuta. Alguns dos aspectos são: o animal deve ser castrado, a cavidade bucal e os dentes são examinados regularmente, pois os dentes não podem ter tártaro, os animais precisam realizar exames parasitológicos a cada seis meses, devem estar com todas as vacinas em dia, orelhas limpas, tomar banho na véspera da visita e limpar as patas antes de entrarem nos locais de visita. Além disso, cada voluntário anda com um frasco de álcool em

gel e passa na mão de quem entrou em contato com o animal assim que a pessoa decide parar de fazer carinho. (PATAS THERAPEUTAS, 2018)

## **IDOSOS**

A proporção de pessoas com mais de 60 anos está crescendo mais do que qualquer outra faixa etária no mundo, tanto nos países desenvolvidos quanto nos países em desenvolvimento. A Organização das Nações Unidas (ONU) considera o período de 1975 à 2025 a Era do Envelhecimento. (Siqueira, 2002). Segundo a ONU, acredita-se que em 2025 existam mais pessoas de 60 anos do que jovens, faixa etária que representará aproximadamente 2 bilhões de pessoas do mundo. Nesse mesmo ano aproximadamente 120 países terão alcançado taxa de fertilidade total abaixo do nível de reposição, número extremamente significativo uma vez que em 1975 apenas 22 países estavam nessa mesma situação. (WHO, 2005)

Diante desses dados, é de extrema importância refletir sobre qual o espaço que um idoso ocupa num mundo que tenta cada vez mais se distanciar do que é “velho”, “usado” e “antigo” (SCHNEIDER E IRIGARAY, 2008). Segundo Hannah Arendt (1961), vivemos numa sociedade que valoriza o trabalho e o consumo, o novo pelo novo e a realização do desejo imediato. Como envelhecer num mundo no qual parece que o envelhecer não cabe diante de tantas mudanças e novidades? Além disso, o que é a velhice no século XXI, uma vez que ao longo do último século esse conceito tem sido repensado e ressignificado? (DEBERT, 1999)

De acordo com o Estatuto do Idoso (BRASIL, 2004), as pessoas com idade igual ou superior a 60 anos são consideradas idosas pela lei. Porém, não podemos assumir que todas as pessoas acima de 60 anos têm a mesma idade funcional. A idade funcional se caracteriza pela “capacidade de uma pessoa interagir em um ambiente físico e social em comparação com outros da mesma idade cronológica” (PAPALIA, 2006), ou seja, a pessoa pode apresentar uma idade funcional mais jovem ou mais velha do que sua idade cronológica. Sendo assim, uma pessoa de 90 anos pode ser funcionalmente mais jovem do que outra de 70 anos.

Segundo Debert (2004), cada vez mais pesquisas sobre envelhecimento criticam a ampla categorização de idosos a partir de uma única variável: a idade cronológica, que define como “idoso” pessoas com mais de 60 anos. Esta classificação “desconhece a diversidade no controle de uma série de recursos que existe entre aqueles que têm 60 anos e outros vinte ou trinta anos mais velhos.” Debert propõe um novo recorte de classificação da velhice, que se divide em três partes: jovens idosos (65 a 75 anos); idosos-idosos (75 a 84 anos) e idosos mais idosos (acima de 85 anos). Essas faixas foram definidas a partir da consideração da diversidade no controle de uma série de recursos que existem entre aqueles com 60 anos e outros 20 ou 30 anos mais velhos.

O processo de envelhecimento deve ser considerado como complexo, peculiar e multidimensional. A velhice é marcada pela interação entre diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais, ou seja, é multifatorial. Sendo assim, a idade cronológica não deveria ser usada como única referência na definição da velhice e suas particularidades. (SCHNEIDER E IRIGARAY, 2008).

Ao contrário das civilizações orientais, que consideram as pessoas mais velhas referências de sabedoria e experiência, nas sociedades ocidentais os idosos são marginalizados, desvalorizados e considerados improdutivos e, muitas vezes são abandonados por suas próprias famílias. Os idosos são o estereótipo da juventude perdida, inserida em um mundo da busca constante pelo novo e jovem. (LOPES E EDUL, 2012)

Ao longo do último século, a aposentadoria se tornou um marco do início da velhice. Na sociedade ocidental, a aposentadoria traz uma ideia de improdutividade e inatividade, ambas características e hábitos pouco valorizadas dentro da nossa civilização na qual os papéis são pautados em produzir e consumir e onde não existem muitas alternativas de atividades fora do ambiente de trabalho. (SCHNEIDER E IRIGARAY, 2008).

A falta de ocupações voltadas para o público pós aposentadoria, levou a Organização Mundial de Saúde (WHO) a adotar, no final dos anos 90, o conceito de envelhecimento ativo, que busca criar uma visão da velhice como experiência positiva, a partir do:

[...] processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas. (WHO, 2005, p.13)

#### O envelhecimento ativo:

Permite que as pessoas percebam o seu potencial para o bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida, e que essas pessoas participem da sociedade de acordo com suas necessidades, desejos e capacidades; ao mesmo tempo, propicia proteção, segurança e cuidados adequados, quando necessários. (WHO, 2005, p.13)

Becker, Ribeiro e Pires (2009) comentam sobre Instituições de Longa Permanência para Idosos e como o ambiente adequado

[...] permite que as pessoas desenvolvam suas atividades de forma eficiente, segura, sem causar malefícios a sua saúde física ou mental e que tragam aos seus usuários uma sensação de conforto e bem-estar. (p.77)

Para que o idoso tenha essa oportunidade de desenvolvimento e “aproveitamento” da velhice, é necessário disponibilizar para ele um ambiente no qual ele possa continuar desenvolvendo habilidades, uma vez que, como foi discutido anteriormente, o fim da jornada de trabalho não é sinônimo de inatividade, improdutividade e incapacidade.

Segundo Becker, Ribeiro e Pires (2009), a mudança da atividade laboral leva a uma alteração de rotina e das relações, uma vez que o trabalho é algo que promove grande interação social e um sentido de pertencimento, um sentimento de ser útil, e sem ele é preciso encontrar novas propostas de encontro e espaços de interação. Sendo assim, é preciso pensar técnicas e atividades que permitam, a partir do conceito de envelhecimento ativo, ajudar o indivíduo marginalizado a ocupar um espaço na sociedade, uma função social.

O idoso tem um potencial de aprender e adquirir novas habilidades, uma vez que o “tempo livre” da velhice proporciona uma disponibilidade para aprender novas atividades, realizar novas funções (como voluntariado) e participar de projetos e organizações. Essas oportunidades levam a um resgate de identidade que além de prevenir a depressão, possibilitam uma aproximação da sociedade, em vez de um isolamento desse sujeito, situação esta extremamente recorrente. (BECKER, RIBEIRO E PIRES, 2009)

## **IDOSOS E ANIMAIS**

Uma pesquisa realizada em outubro de 2018 com aproximadamente 2000 participantes com idades entre 50 e 80 anos mostrou que 90% dos idosos que têm cães, gatos e pássaros dizem que o animal os ajuda a aproveitar a vida e se sentir amados. Além disso, 80% garantem que os bichos reduzem o estresse. (MALANI, 2019)

Os participantes foram escolhidos aleatoriamente e a análise foi baseada em um questionário *online* enviado por meio de um *site* de pesquisas. Mais da metade (55%) relatou ter um animal de estimação, sendo que a grande maioria possui um cachorro. Os participantes com idade entre 50 e 64 anos tinham mais probabilidade de ter um animal de estimação dos que os com idade entre 65 e 80 anos. Um dado importante a ser considerado, é de que 80% dos respondentes que possuem animais de estimação, disseram que recebem ajuda de outros para cuidar de seus animais, enquanto só 20% cuida do companheiro sozinho. (MALANI, 2019)

Os donos relataram que os animais os ajudam a aproveitar a vida, se sentirem amados, reduzir stress, criam um senso de propósito e auxiliam a manter uma rotina. Além disso, muitos consideram que o animal os ajuda a se conectar com outras pessoas, a serem fisicamente ativos e os distraem de problemas emocionais e físicos. (MALANI, 2019)

Na reportagem de Renata Jansen para o Estado de São Paulo na qual o estudo acima foi citado, foi contada a história de Francisco, um idoso de 80 anos, que não gostava de gatos. Um dia sua filha levou a gata para passar uma tarde com ele e ele não deixou que ela levasse a gata embora. Após quatro meses encontrou outra gata e agora cuida das duas. Francisco relatou a repórter como é sua vida com as gatas:

“Antes eu chegava aqui e não tinha nada, ninguém. Agora, tem as gatinhas, então quando eu chego em casa procuro logo onde elas estão”, ele conta. “Você fica mais ativo, sim, é muito bom. Quem não gosta de animal nenhum fica meio vazio, eu acho.” (JANSEN, 2019)

A veterinária Carolina Rocha, especialista em Terapia Assistida por Animais pela Universidade de São Paulo (USP), declarou que, possuir um animal de estimação, permite que a pessoa conheça outras pessoas e crie vínculo com outros donos de animais, e, conseqüentemente, se mantém mais ativa, participativa e menos sozinha, fato comprovado pela fala de Francisco. (JANSEN, 2019)

Assim como a veterinária, outros especialistas na área citam benefícios semelhantes quando se trata de um animal de estimação.

Para Becker (2003), o contato físico é algo de que todos precisam, mas os idosos recebem esse contato menos que os outros. Segundo Mara Baun (2000), professora de enfermagem da Universidade de Nebraska, a falta desse toque ocorre muitas vezes em decorrência da imagem negativa que é feita do aspecto que a pele de uma pessoa mais velha apresenta. Rugas, manchas e lesões são comumente associadas ao envelhecimento, mesmo que tenham muito mais relação com os hábitos de vida de uma pessoa do que com sua idade. A presença de um animal traz a oportunidade de preencher essa necessidade de toque, uma vez que o animal não trata o idoso diferente por sua idade ou condição de sua pele.

Em entrevista à revista *Época*, a Dra. Hannelore Fuchs também comentou os benefícios no organismo dessa interação, segundo ela “eles (animais) conseguem equilibrar as emoções e, em alguns casos, restabelecer as funções do organismo.” (VICÁRIA, 20--)

Segundo a pesquisa de Pereira e Wendt (2012), idosos que têm animais de estimação costumam adoecer menos e têm menos depressão. Isso ocorre em função da preocupação com os cuidados com a saúde e bem estar de seu animal, que faz com que se sintam úteis, necessários e ativos, preservando a saúde física e mental. Ao ser responsável por um animal, o idoso se distrai e estabelece vínculos de afetividade. Independente de qual a raça ou espécie, o que importa é o contato e o vínculo de carinho que se cria e que ajuda a esquecer dos problemas e a enfrentar a solidão.

Para Becker, muitos idosos acreditam que as coisas boas ocorreram no passado, e os animais trazem os idosos para o presente, para o momento, e acrescentam valor a esse momento. O animal traz a pessoa estressada e hipertensa, de qualquer idade, para o presente. Através do animal, a pessoa descobre uma coisa que vale a pena no presente, aqui e agora. Em 1993, Lynette Hart, professora veterinária da Universidade da Califórnia, percebeu que ao conversar com idosos que tinham cachorro eles sempre falavam sobre seus animais. Pessoas que não tinham cachorro falavam sobre seu passado e as que tinham falavam sobre fatos presentes. Essa constatação é um elemento chave quando pensamos nos benefícios que os animais podem trazer para os idosos, uma vez que essa valorização do presente é essencial quando se fala de envelhecimento ativo e aproveitar a terceira idade. (BECKER, 2003)

Dotti (2005) também ressalta a possibilidade que o animal de estimação proporciona de interação com outras pessoas e o como o animal se torna o início da conversa, uma conversa descompromissada e na qual não se fala de doenças e, muitas vezes, nem de si mesmo, só do animal, trazendo o idoso para a realidade do momento. Essa socialização é extremamente benéfica, uma vez que muitas vezes essas pessoas perderam seus contatos sociais em função de aposentadoria, morte de amigos e distanciamento da família.

Quando idosos possuem um cachorro, sua frequência de exercícios físicos aumenta. Essa informação foi comprovada por um estudo realizado em 2013, por Kimberlee A. Gretebeck, com aproximadamente mil participantes de 65 a 95 anos, dos quais 104 eram donos de animais. A pesquisa foi realizada por meio de um questionário, no qual a primeira pergunta era se a pessoa possuía um animal de estimação e a segunda pergunta era quais os motivos para caminhar regularmente, como caminhar com o cachorro, se exercitar, ir para o trabalho/comprar algo, ou por indicação médica. Os donos de cachorro mostraram resultados significativamente diferentes dos que não tinham cachorro, muitos reportaram caminhar regularmente com seus cachorros e o grupo dos donos de cachorro caminhava praticamente 50% a mais do que o grupo dos que não tinham o animal. Esse estudo sugere que ter um animal (especialmente um cachorro), pode promover um aumento de atividade física por parte dos donos. (GRETEBECK, 2013)

Buscando comprovar os efeitos da interação entre idosos e animais, outros estudos foram e continuam sendo realizados em diversas áreas profissionais, como fisioterapia, psicologia, odontologia, entre outras. Algumas delas serão relatadas a seguir.

Cabe aqui retomar a pesquisa apresentada no capítulo “Humanos e animais”, realizada por Headey e Grabka (2003), que buscou correlacionar a frequência de visitas ao médico de pessoas com animais de estimação e pessoas sem animais de estimação, e demonstrou uma diminuição significativa dos donos de animais de estimação.

Uma pesquisa do mesmo cunho, voltada especificamente para a população idosa, foi realizada em 1993, por Judith Siegel, com quase mil idosos clientes do Medicare na Califórnia.

O estudo teve como objetivo examinar como o animal de estimação ajudava o idoso a lidar com o stress e comparar a frequência de idas ao médico de idosos que não possuíam animal de estimação com os que possuíam animais de estimação.

A pesquisa teve duração de um ano, com entrevistas bimestrais com os participantes para saber quantas vezes eles haviam entrado em contato com o serviço médico desde a última entrevista. Além disso, foi realizada uma pesquisa com os donos de animais de estimação sobre o qual o papel que o animal tinha na sua vida.

Os resultados mostraram que ao longo desse um ano muitos dos participantes passaram por acontecimentos estressantes, como perdas de amigos e familiares, problemas financeiros, assaltos e aposentadoria, mas a maioria dos eventos estressantes registrados foi a perda de algum amigo próximo. Essas situações levavam a um aumento de visitas ao médico por parte dos idosos sem animais de estimação. Porém, a maioria dos idosos que possuíam animais de estimação mantinha praticamente a mesma frequência de idas ao médico apesar das situações que viveram. Segundo Siegel:

Sentir-se seguro (25%) e sentir-se amado (21%) foram os benefícios mais citados. Contabilizados juntos, esses dados sugerem que acontecimentos na vida podem levar a uma necessidade de companhia, e que essa necessidade possa resultar em um contato com o médico. Isso pode ocorrer porque o contato com o médico satisfaz o desejo de companhia ou a falta de companhia aumenta a preocupação com questões de saúde. Para donos de animais, no entanto, parece que a companhia que suas necessidades de companhias são parcialmente atendidas por seus animais. Assim sendo, donos de animais não demonstraram um aumento na utilização do serviço médico após alguma situação marcante em sua vida. (SIEGEL, 1993, p.5, tradução livre)

É importante ressaltar que em sua pesquisa, Siegel percebeu que possuir especificamente o animal cachorro, leva a uma relação diferente com o animal do que outras espécies. Segundo a pesquisa, donos de cachorro passavam mais tempo fora de casa em comparação com donos de outros animal. Siegel observa que sair de casa pode contribuir para um aumento do vigor físico e mental, o que conseqüentemente leva a um contato maior com outras pessoas e pode influenciar na diminuição da necessidade do contato com o médico. Apesar dessa variação, o estudo comprovou que possuir um animal de estimação (independentemente da espécie) pode levar a uma diminuição de consultas médicas e ajudar em momentos estressantes da vida do idoso. (SIEGEL, 1993)

Mas e quando o idoso mora em uma instituição e está sujeito as regras do local?

Bill Thomas, criador e idealizador do projeto Eden Alternative, dizia que “as casas de repouso são o único lugar do mundo em que só há uma espécie, os idosos”. Em função disso, ele decidiu modificar toda a dinâmica do Chase Memorial Nursing Home, em 1991:

Ele e seus colegas acrescentaram plantas, animais, jardins, aves e crianças para que o lugar se parecesse o menos possível com um depósito para agonizantes e

mais como um lar autêntico. Os funcionários instalavam gaiolas com passarinhos em suportes nos quartos de qualquer residente que pedisse. Adquiriram cachorros, gatos, coelhos e galinhas. O drama das relações entre as espécies (gatos querendo observar os passarinhos, cachorros e gatos dormindo juntos) gerou uma interação positiva e intensa entre os funcionários e os residentes, melhorando o moral de todos (BECKER, 2003, p.222)

Essa mudança na dinâmica da instituição levou a uma brusca diminuição na rotação de funcionários, de prescrições médicas, e da utilização de psicotrópicos para o controle de estados mais agitados:

A rotatividade anual da indústria, com assistentes de enfermagem mudando de emprego é de 104% segundo Thomas. Em Chase, essa proporção caiu para 26%. Ao longo de dois anos, a quantidade de remédios receitados para serem tomados todos os dias pelos residentes caiu de 3,7% para 2,4%. (BECKER, 2003,p.223)

Essa “nova” instituição ficou conhecida como Eden Alternative e atualmente existem 200 entidades nos EUA que são certificadas para trabalhar com essa dinâmica de integração do idoso com a natureza e os animais. O trabalho de Bill Thomas representa uma nova proposta de cuidado dentro de instituições de longa permanência para idosos e é essencial para se repensar em um novo modelo de atendimento, uma vez que, como falado anteriormente, a população idosa aumenta a cada ano e é preciso repensar o espaço dos asilos para promover um envelhecimento mais ativo e saudável. (EDEN ALTERNATIVE, 2016)

Assim como Thomas, Mara Baun e seus colegas Jill Jessen e Frank Cardiello decidiram trazer animais para dentro de um asilo e pesquisar seus efeitos. Foram colocados passarinhos nos quartos de alguns residentes, com o objetivo de ajudar a melhorar a depressão, solidão e moral baixo. Foi registrado que os médicos, enfermeiras e auxiliares passavam mais tempo nos quartos que tinham pássaros, e um dos participantes comentou que seu médico aparecia em seu quarto todas as manhãs e assobiava para o passarinho. (JESSEN, CARDIELLO E BAUN, 1996)

Os pássaros tiveram efeitos extremamente positivos no manejo da depressão dos residentes e alguns ficaram transtornados quando o experimento acabou e os pássaros foram retirados. Muitos médicos com clientes na instituição passaram a recomendar passarinhos por conta do efeito positivo no ânimo dos idosos. (JESSEN, CARDIELLO E BAUN, 1996)

No Brasil já foram realizados alguns estudos sobre a inserção de animais na vida de idosos institucionalizados, por meio das Intervenções Assistidas por Animais, e seus efeitos.

Em 2003, foi criado um Projeto de Extensão integrando os cursos de Medicina Veterinária e Odontologia da UNESP de Araçatuba, visando implementar a AAA junto com o atendimento odontológico de pacientes portadores de necessidades especiais. Os resultados foram tão satisfatórios que em 2006 a atividade foi ampliada para o atendimento de idosos institucionalizados em uma entidade filantrópica da cidade. Eros Yudji Tanaka e Silva promoveu um estudo para observar e identificar as alterações físicas, emocionais, sociais e comportamentais geradas pela AAA dentro da instituição. (SILVA, 2009)

Foram observados 36 idosos, de ambos os sexos, com idade entre 58 e 101 anos. As visitas foram realizadas com cães previamente adestrados e os funcionários foram submetidos a um questionário que buscava registrar as alterações sentidas por eles. Segundo os funcionários, algumas dificuldades de relacionamento interpessoal, agressividade e irritabilidade foram minimizadas com as visitas. Além disso, a presença dos animais fez com que muitos idosos estivessem mais dispostos para a realização da fisioterapia e exercícios leves ao ar livre. Eles também perceberam uma melhora da saúde, do convívio social e dos aspectos emocionais, que foram percebidos pela alegria que os idosos demonstravam com as visitas. (SILVA, 2009)

Segundo Silva, os resultados demonstram que a implementação de Atividades Assistidas por Animais constantes e sistematizadas pode ser positiva e benéfica para a qualidade física e emocional dos idosos institucionalizados, uma vez que a experiência evidenciou como os animais ajudam na motivação e melhoria dos relacionamentos dentro da instituição. (SILVA, 2009)

Buscando melhorar a qualidade de vida de idosos institucionalizados, considerando sua carência de afeto, solidão e isolamento, Carvalho, Costa e Viadanna se dispuseram a realizar um trabalho de intervenção com animais e pesquisa sobre seus impactos, em duas instituições de longa permanência para idosos em Uberlândia (MG). O estudo foi realizado também como uma forma de estímulo para o envolvimento de mais profissionais, independentemente de suas áreas de atuação, para promover projetos que tenham como objetivo contribuir de forma positiva para o bem-estar do ser humano. (CARVALHO, 2011)

O trabalho foi realizado com vinte e três participantes durante dois meses. Visitas com dois cães eram realizadas semanalmente e tinham duração de uma hora. Foi criada uma escala de interesse para analisar o envolvimento dos idosos com o projeto, que seguiu a seguinte classificação:

[...] foi considerado indiferente o paciente que, naquele momento não interagiu com o cão e a equipe executora; foi considerado motivado aquele que interagiu com o trabalho a ser estimulado. Por fim, foi considerado muito motivado o paciente que tinha iniciativa e se dirigiu a equipe executora e aos cães ou procurou entrar em contato com estes. (p.7)

Além disso, também foram registradas as reações dos idosos com a presença dos animais e as ações que eles tomaram diante disso. Foram observados comportamentos como: sorriso, vontade de acariciar os animais, vocalização sem produzir palavras ou pela verbalização, diminuição de brigas e discussões, aumento da interação e socialização dos idosos com os cães, equipe executora do projeto e com os outros residentes. Os idosos foram avaliados antes e depois das sessões pela equipe multidisciplinar da instituição, que registrou a diminuição da ansiedade e irritabilidade, aumento das demonstrações de afeto e melhoria da memória. (CARVALHO, 2011)

No início do projeto os idosos estavam tímidos e distantes, mas ao longo do processo foi percebido uma melhoria do diálogo e maior aproximação dos cães. Com frequência solicitavam informações sobre quando seria o próximo encontro e a frequência dos residentes nas visitas realizadas em ambas as instituições aumentou. Segundo os pesquisadores, houve um aumento da intimidade dos idosos tanto com os animais quanto com a equipe. Eles passaram a ir com maior frequência até os cães e pedir para que fossem levados até os que não conseguiam andar. Os idosos que não falavam sinalizavam o interesse por meio de sons e gestos. Além disso, também foi registrado uma melhoria no bem-estar dos próprios terapeutas e os cães se tornaram figuras de companheirismo e amizade para os idosos. (CARVALHO, 2011)

O estudo realizado por Stumm, Medeiros e Ressel (2012) buscou relatar o uso da Terapia Assistida por Animais como facilitadora no cuidado de mulheres idosas institucionalizadas. Foi levado em consideração que idosos institucionalizados muitas vezes se sentem isolados e rejeitados e por conta da falta de integração social podem ocorrer déficits sensoriais, alterações mentais e aumento da incidência de quadros depressivos e que em função desses aspectos a TAA poderia ser eficiente na redução da solidão, ajudando a melhorar o quadro físico e mental.

Os estudantes de enfermagem e medicina veterinária desenvolveram um projeto em uma instituição de longa permanência de caráter filantrópico em Santa Maria (RS) para idosas. A instituição atende aproximadamente duzentas mulheres que recebem moradia, alimentação, roupas, assistência médica, psicológica e social. O estudo foi realizado com 15 internas da ala psiquiátrica. Elas foram escolhidas por ser percebido que durante as visitas iniciais a ala

psiquiátrica era a mais vulnerável e que demandava mais atenção. A partir dessa decisão, as idosas foram selecionadas com base em alguns critérios de escolha: possuir capacidade física de se locomover e participar das atividades, avaliação por parte dos profissionais da instituição de uma necessidade de estímulo para desenvolvimento funcional e não ter medo de interagir com animais. Segundo os pesquisadores, no Brasil falta uma padronização das atividades a serem seguidas para as especificidades de cada sujeito e por conta disso eles definiram algumas dinâmicas: acariciar o cão, levar o animal para passear, escovar o pelo, jogar bola para o animal buscar e trazer de volta e conduzir o animal entre obstáculos. As atividades foram desenvolvidas não só em função do benefício físico e psicológico, mas também para promover a comunicação, socialização e integração das participantes. (STUMM, 2012)

Os encontros tinham duração de uma hora e meia e foram realizados semanalmente no período de 2008 a 2009. As observações foram registradas em um diário de campo e parte delas será relatada a seguir:

[...] durante as primeiras visitas, percorremos a instituição com os animais a fim de perceber a reação das idosas frente a algo inesperado, diferente da rotina a que estavam condicionadas. Quando avistavam nossa chegada com os animais, demonstravam alegria anunciando a presença dos cães e se reuniam na porta para nos receber, demonstrando ansiedade. Ao entrarmos com os animais na instituição percebemos diferentes reações por parte de todas as pessoas envolvidas naquele contexto, tanto das idosas, quanto dos funcionários. A presença do animal trouxe a quebra da rotina, algo novo, diferente, inesperado àquele local. Foi possível perceber reações de medo, espanto, alegria, aproximação, fuga, interesse, agitação, entre tantas outras, as quais dependem das concepções individuais de cada sujeito frente às suas vivências com animais e com aquele local. (STUMM, 2012, p.4)

Os pesquisadores relataram que muitas das idosas da ala psiquiátrica não se comunicavam com a equipe de saúde e mantinham-se distante das outras internas. Na presença dos cães, elas ficavam atentas ao animal, tocando-os e “expressando sentimentos de alegria”, por meio de sorrisos em conversas com o animal, em contraste com a apatia e introspecção que demonstravam em outros momentos, segundo os profissionais da instituição. Essa mudança foi evidenciada quando uma participante que raramente se comunicava (estava sempre séria e com o olhar distante) passou a falar sobre os animais, elogiá-los e sorrir quando os de pequeno porte eram colocados em seu colo. Nesse momento, a comunicação era facilitada e era possível conversar com ela sobre os cães e o como ela se sentia interagindo com eles. Quando o encontro acabava, ela voltava a se manter distante. (STUMM, 2012)

Durante os encontros, os pesquisadores aproveitavam os momentos de abertura para conversar com as idosas sobre suas histórias de vida e foram relatadas memórias de animais de

estimação na infância e lembranças das famílias. Foi concluído que a TAA pode ser benéfica como precursora de uma melhoria da qualidade de vida de idosos institucionalizados, uma vez que, no estudo, o afeto criado na relação com os animais levou a um progresso na interação das idosas com o ambiente e as demais pessoas a sua volta. (STUMM, 2012)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia atingiu o seu objetivo de demonstrar e estabelecer relações entre as Intervenções Assistidas por Animais e seus impactos sobre a população idosa e identificar quais erros, resultados e problemas esta prática pode apresentar.

A partir das minhas vivências em asilos, a percepção que tenho é que a sensação de abandono faz parte do dia-a-dia da maioria dos idosos que lá vivem. Várias vezes ouvi que o filho ou neto não vinham visitar a muitos meses, que a família “jogou” a pessoa ali, que a vida nesse ambiente era muito solitária e que todos os dias são iguais. Minha percepção é de que os idosos são pessoas extremamente marginalizadas em nossa sociedade e isso vale não só para os que vivem em instituições de longa permanência. Eles deixam de ter uma posição de autonomia e passam a ser tratados como seres que dependem de cuidado e atenção constantes e que muitas vezes são julgados como não possuidores de discernimento do que é certo e errado para si mesmos, como se não pudessem mais decidir o que é bom para suas vidas, uma vez que a velhice traz a dependência de assistência.

De fato, por vezes o idoso realmente não está em condição de decidir por si mesmo e continuar vivendo como antes, mas precisamos refletir sobre como essa percepção de que é necessário perder parte de sua independência (como dirigir ou morar sozinho) é dura e sofrida, uma vez que representa a perda de conquistas obtidas ao longo da vida. Precisamos pensar em maneiras de tornar essas perdas cotidianas mais suportáveis e trazer a pessoa idosa para o presente, ajudando-a aproveitar os momentos do agora e não só os que ela viveu no passado. Os animais são uma das inúmeras possibilidades de ajudar nesse processo.

Quando falamos de instituições e hospitais, é importante lembrar o impacto causado pela chegada de um animal. Segundo a psicóloga Karina Schutz, especialista em terapia cognitivo-comportamental e diretora da Pet Terapeuta, os animais influenciam não só os pacientes, mas o ambiente como um todo: “Quando os bichos entram, o ambiente muda. Os enfermeiros ficam mais sorridentes e os pacientes acabam apresentando inclusive mais tolerância à dor. A presença dos animais promove uma quebra na barreira do estresse presente nestes locais.” (SORDI, 2014)

Observa-se que desde os inícios da utilização de animais como co-terapeutas, pelas iniciativas pioneiras brasileiras de Silveira na década de 1950 e Fuchs a partir da década de 1980, tem havido uma ampliação no interesse sobre o tema da utilização de animais como

potencializadores de ações em saúde, que beneficiam grupos etários de diferentes faixas e que têm diferentes especificidades quanto às necessidades de atenção à saúde.

O tema, antes restrito exclusivamente ao meio acadêmico e hospitalar, está se ampliando, sendo objeto de iniciativas parlamentares para a implantação de políticas locais e nacional de autorização para utilização de animais em ambientes hospitalares e assemelhados, incluindo os próprios animais de estimação dos pacientes.

Reportagens são feitas em meios de comunicação de massa, ressaltando os benefícios, no seu mais largo espectro, da utilização de animais como co-participantes nos tratamentos a pacientes, merecendo especial destaque os idosos. São também divulgados temas relacionados ao desenvolvimento de crianças e adolescentes, tanto do ponto de vista físico, psicológico e social.

Grupos que utilizam animais em intervenções terapêuticas se expandem, e os resultados animadores obtidos impulsionam o surgimento de novas alternativas.

Creio que todas estas tendências sejam positivas, porém talvez ainda tímidas, sendo recomendável que se elaborem e implantem novas e mais abrangentes políticas públicas de incentivo a técnicas de utilização de animais em tratamentos com idosos e outros grupos, que haja uma maior divulgação dos resultados, a disseminação das técnicas nos meios acadêmicos e de cuidados, de longa permanência ou não, hospitalares ou não, e que haja o incentivo à criação de novos grupos, que as apliquem.

Importante ressaltar a necessidade de acompanhamento do grupo de intervenção terapêutico como um todo, que abranja profissionais das áreas de psicologia, supervisionando a atuação dos envolvidos e veterinária, visando a manutenção da saúde e o cuidado, no seu mais amplo sentido, dos animais, entre outros profissionais.

Por fim, gostaria de recomendar que novos estudos sejam realizados, com o acompanhamento da aplicação de diferentes técnicas em diferentes situações terapêuticas que possam envolver desde pessoas, idosas ou não, com internações e processos e tratamentos de menor duração, até pessoas em entidades de longa permanência e de seus respectivos resultados.

Para Klein (2007), “o animal por si só, desempenha uma presença viva, afetiva e concreta, que evoca os sentimentos e emoções, como alegria, serenidade, medo, raiva e tristeza.” O bicho

inserido dentro de uma casa altera o comportamento de todos que convivem com ele. Os animais têm a capacidade de ajudar no restabelecimento da saúde psíquica e física, tornando-se um novo recurso auxiliar de tratamento, muitas vezes mais eficiente e simples do que outros métodos. (FLÔRES, 2009).

Que a presença dos animais se expanda pelas instituições e lares e que os seres humanos, de todas as idades e com todos os tipos de carências, sejam estas limitações, físicas, psicológicas e afetivas, possam, cada vez mais, se beneficiar deste contato. A população idosa está aumentando a cada dia, e precisamos pensar em como mudar a vida dessa população, afinal um dia estaremos no lugar deles.

## REFERÊNCIAS

ARENDDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo, Ed: Perspectiva. 2014.

BBC. **Os quatro odores que são sentidos por cães farejadores após catástrofes como o terremoto no México**. 23 set. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41372833>

BECK, A.M. The Use of Animals to Benefit Humans: Animal-Assisted Therapy. In FINE, A. (Ed.) **Handbook on Animal-Assisted Therapy**. San Diego, 2000.

BECKER, C. B. A., IKEDA, M. R., PIRES, N.R. **Cuidando de quem já cuidou: o livro do cuidador**. São Paulo: Ed Atheneu. 2009

BECKER, M. O poder curativo dos bichos. São Paulo: Ed Bertrand Brasil. 2003

BEETZ, A., et al. **Psychosocial and psychophysiological effects of human-animal interactions: the possible role of oxytocin**. Frontiers in psychology, volume 3. Free University of Brussels, Belgium. 2012. Disponível em: [https://www.frontiersin.org/Psychology\\_for\\_Clinical\\_Settings#archive](https://www.frontiersin.org/Psychology_for_Clinical_Settings#archive) Acesso em 19/05/2018

BRASIL. Lei Nº 10.741, de 01/10/2003, Estatuto do Idoso. **Brasília: Câmara dos Deputados, Centro de Documentação e Informação**. Edições Câmara. 2008.

CARVALHO, N., et al. Importância da relação cão-idoso para aprimoramento da qualidade de vida em instituições de longa permanência para idosos na cidade de Uberlândia-MG. **Em extensão**, Uberlândia, v.10, n.1, p.128-138, jan/jun de 2011.

CORRÊA, K. T. **Patas no Divã: Psicoterapia infantil orientada por pets - Boris Levinson**. PATAS NO DIVÃ. 2010. Disponível em: <http://patasnodiva.blogspot.com/2010/11/psicoterapia-infantil-aliada-taa.html> Acesso em: 18/09/2018

COREN-SP. **Terapia mediada por animais**. São Paulo. Nº53. Setembro/outubro de 2004. Disponível em: < [https://www.coren-sp.gov.br/sites/default/files/53\\_0.pdf](https://www.coren-sp.gov.br/sites/default/files/53_0.pdf) > Acesso em: 28/10/2018

DANIEL, F. **O Conceito de Velhice em Transformação**. Interações: Sociedade e as novas modernidades, v. 6, n. 10, 30 abr. 2006 Disponível em: < <https://www.interacoes-ismt.com/index.php/revista/article/view/179> > Acesso em: 25/09/2018

DEBERT, G.. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento**. São Paulo, Ed: Edusp/Fapesp. 1999. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/98301/estatuto-do-idoso-lei-10741-03>> Acesso em: 22/08/2018

DOTTI, J. **Terapia & Animais**. São Paulo: Ed: Jerson Dotti. 2005

FERREIRA, I. **Escargot “trata” problemas de aprendizado escolar**. Universidade de São Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www5.usp.br/95364/dr-escargot-trata-problemas-de-aprendizado-escolar/>> Acesso em: 24/09/2018

FLÔRES, L. N. **Os benefícios da interação homem animal e o papel do médico veterinário.** Porto Alegre, RS. 2009. Monografia (Especialização em clínica médica de pequenos animais) – Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Disponível em <<http://docplayer.com.br/10306764-Os-beneficios-da-interacao-homem-animal-e-o-papel-do-medico-veterinario.html>> Acesso em: 12/04/2018

FUCHS, H. **O animal em casa: um estudo no sentido de desvelar o significado psicológico do animal de estimação.** Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo. 1987.

GRETEBECK, K.A., et al. Dog Ownership, Functional Ability, and Walking in Community-Dwelling Older Adults. **Journal of Physical Activity and Health**, p. 646-655, 2013.

Disponível em:

<<https://pdfs.semanticscholar.org/35fa/3553f8cd700dabec288ba3dd4e88d184180d.pdf>>

Acesso em: 23/02/2019

HARARI, Y. N. **Uma breve história da humanidade.** Porto Alegre: Ed L&PM Editores. 2015

HEADEY, B.; GRABKA, M. **Pet ownership is good for your health and saves public expenditure too: Australian and German longitudinal evidence.** In: Conference: the 20th Anniversary of the German Socio-Economic Panel, Berlim. Julho, 2003.

IBGE. **População de Animais de Estimação no Brasil.** Brasília. 2013.

Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/assuntos/camaras-setoriais-tematicas/documentos/camaras-tematicas/insumos-agropecuarios/anos-anteriores/ibge-populacao-de-animais-de-estimacao-no-brasil-2013-abinpet-79.pdf/view>>.

Acesso em: 17 set. 2018.

JANSEN, R. Animais de estimação ajudam no envelhecimento saudável, aponta estudo. **O Estado de São Paulo.** São Paulo, 04 de abr. de 2019. Disponível em:

<<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,animais-de-estimacao-ajudam-no-envelhecimento-saudavel-aponta-estudo,70002778859>> Acesso em: 04/04/2019

JESSEN, C. CARDIELLO, F. BAUN, M. O convívio com pássaros para atenuar a depressão, a solidão e o moral baixo de idosos em centros de reabilitação especializados. **Psychological Reports**, p.339-348, 1998.

KLEIN, M.Z. **Possíveis benefícios da relação criança/equino na Equoterapia.** Monografia (Graduação em psicologia). Biguaçu, Universidade do Vale do Itajaí. 2007. Disponível em:<<http://patastherapeutas.org/wpcontent/uploads/2015/07/Poss%C2%B0veis...pdf>> Acesso em 13/04/2018

LAMPERT, M. **Benefícios da relação homem-animal.** Monografia. Rio Grande do sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

LANTZMAN, M; **O cão e sua Família; temas de amor e agressividade.** Tese de doutorado. Pontifícia Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 2004.

LEAL, L. G. P. Entrevista com Nise da Silveira. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 14, n. 1–3, p. 22–27, 1994.

Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931994000100005](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931994000100005)> Acesso em: 23/03/2019

LOPES, P. EDUL, M. **A velhice no século XXI: a vida feliz e ainda ativa na melhor idade.** Acta Scientiarum. Human and Social Sciences, v. 34, n. 1. Maringá. 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/resumen.oa?id=307324776005>> Acesso em: 08/09/2018

MALANI, P. (cord.). How pets contribute to healthy aging. University of Michigan National Poll on Healthy Aging. 2019 Disponível em: [https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/148428/NPHA\\_Pets-Report\\_FINAL-040319.pdf?sequence=3&isAllowed=y](https://deepblue.lib.umich.edu/bitstream/handle/2027.42/148428/NPHA_Pets-Report_FINAL-040319.pdf?sequence=3&isAllowed=y)> Acesso em: 04/04/2019

O ESTADO DE SÃO PAULO. **Cães trazem mobilidade e segurança para aqueles que não enxergam.** São Paulo. PA9, 12/10/2018.

PAPALIA, D. E. **Desenvolvimento Humano.** Paraíba, Ed: Artmed. 2013. Disponível em: [https://www.academia.edu/22315624/Diane\\_E.\\_Papalia\\_-\\_Desenvolvimento\\_Humano.PDF](https://www.academia.edu/22315624/Diane_E._Papalia_-_Desenvolvimento_Humano.PDF) Acesso em: 12/09/2018

PEREIRA, et al. **Os benefícios da Terapia Assistida por Animais: uma revisão bibliográfica.** In: Saúde Coletiva, vol. 4, nº14. Abril/maio. 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/842/84201407.pdf>> Acesso em: 26/08/2018

PEREIRA, N. WENDT, S.B.T. **A terceira idade e o bem-estar animal.** Ágora, v. 16, n. 2, abr. de 2012. Disponível em: <http://www.periodicos.unc.br/index.php/agora/issue/view/11>> Acesso em: 03/01/2019

PET PARTNERS. **Terminology-Industry and Pet Partners Terms.** Disponível em: <https://petpartners.org/learn/terminology/>> Acesso em: 16/04/2018

PETSMILE. **Quem somos e o que fazemos.** Disponível em <http://www.sppapetropolis.org.br/util/petsmile.pdf> Acesso em: 10/04/2018

SAKITA, K. **Cachorra ajuda alunos a terem mais confiança nas aulas de leitura.** Portal do Dog. 2014 Disponível em: <http://portaldodog.com.br/cachorros/noticias/cachorra-ajuda-alunos-terem-mais-confianca-nas-aulas-de-leitura/>> Acesso em: 24/09/2018

SANTOS, A. R. O.. SILVA, C. **Os projetos de terapia assistida por animais no estado de São Paulo.** Revista da SBPH, v. 19, n. 1, Jun de 2016.

SANTOS, L.G.P. Nise da Silveira (entrevista). **Psicologia: Ciência e Profissão.** Brasília, v.14, n,1-3, p.22-27, 1994. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98931994000100005&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931994000100005&lng=pt&tlng=pt)> Acesso em: 10/02/2019

SÃO PAULO (Município). LEI Nº 16.827 de 06/02/2018 que “Dispõe sobre a liberação de entrada de animais de estimação em hospitais públicos para visitas a pacientes internados, e dá outras providências”. **Diário Oficial da Cidade de São Paulo**, Nº24 de 07/02/2018 Disponível em: [http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav\\_cidade/index.asp?c=1&e=20180207&p=1&cliPID=FJ5AKGB44DFOGe6SOA8TRAPNJ78](http://diariooficial.imprensaoficial.com.br/nav_cidade/index.asp?c=1&e=20180207&p=1&cliPID=FJ5AKGB44DFOGe6SOA8TRAPNJ78)> Acesso em: 13/04/2018

SCHNEIDER, R. H. IRIGARAY, T. Q. **O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais.** Estudos de Psicologia, v. 25, n. 4. Campinas. 2008.

SIEGEL, J. M. Stressful life events and use of physician services among the elderly: The moderating role of pet ownership. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 58, n. 6, p. 1081-1086, 1990. Disponível em: < <https://psycnet.apa.org/fulltext/1990-31740-001.html>> Acesso em: 17/04

SILVA, E. Y. T. et al. Incremento da saúde e da qualidade de vida de idosos institucionalizados através da convivência com animais de companhia e atividade assistida por animais (AAA). **Rev. Ciênc. Ext.** v.5, n.2, p.84-85, 2009.

SILVEIRA, N. **Imagens do Inconsciente.** Rio de Janeiro: Ed Alhambra, 1981.

\_\_\_\_\_. **Gatos, a emoção de lidar.** Rio de Janeiro, Ed: Léo Christiano Editorial, 1998

SIQUEIRA, R. L. DE; BOTELHO, M. I. V.; COELHO, F. M. G. **A velhice: algumas considerações teóricas e conceituais.** Ciência & Saúde Coletiva, v. 7. Minas Gerais. 2002. Disponível em:< [https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413-81232002000400021&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielosp.org/scielo.php?pid=S1413-81232002000400021&script=sci_arttext&tlng=pt)> Acesso em:04/09/2018

SORDI, J. **Projetos de lei preveem permissão de entrada de animais em hospitais públicos.** 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2014/04/projetos-de-lei-preveem-permissao-de-entrada-de-animais-em-hospitais-publicos-4476349.html>> Acesso em: 25/09/2018

STUMM, K. E., et al. Terapia Assistida por Animais como facilitadora no cuidado a mulheres idosas institucionalizadas. Rio Grande do Sul: **Revista de Enfermagem UFSM**, jan/abr, p. 205-212, 2012.

TAVARES, A. **Terapia mediada por animais/ terapia assistida por animais.** Portal Animal. 2016. Disponível em: <https://portalanimaais.wordpress.com/2016/02/09/terapia-mediada-por-animais/> Acesso em: 24/09/2018

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. **Dr. Escargot “trata” problemas de aprendizado escolar.** 2015. Disponível em: < <https://www5.usp.br/95364/dr-escargot-trata-problemas-de-aprendizado-escolar/>> Acesso em:22/02/2019

VICARIA, L. A cura pelo bicho. **Revista Época.** 2. Disponível em: < <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR59207-6014,00.html>> Acesso em: 08/03/2019

WHO (WORLD HEALTH ORGANIZATION). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília. 2005.

Disponível em: <[http://dms.ufpel.edu.br/ares/bitstream/handle/123456789/232/5%20%202005%20%20envelhecimento\\_ativo.pdf?sequence=1](http://dms.ufpel.edu.br/ares/bitstream/handle/123456789/232/5%20%202005%20%20envelhecimento_ativo.pdf?sequence=1)> Acesso em:13/08/2018